
MULTITERRITORIALIDADE NO ESPAÇOTEMPO ESCOLAR

José Carlos Teixeira Junior^(*)

RESUMO

O presente texto propõe discutir, a partir de um conflito ocorrido no cotidiano de uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro, a questão de que coabita a chamada escola-conceito práticas cotidianas que tecem, destecem e retecem, em movimentos *tempoespaciais*, outros *saberesfazeres* e, conseqüentemente, outras formas de pertencimento e de autoridade. Em outras palavras, objetiva-se incitar a possibilidade de dialogar com determinadas práticas cotidianas que, apesar de invisíveis ao olhar panóptico ou abissal do poder educacional, des-re-territorializam o *espaçotempo* escolar e lhe configura uma tessitura multiterritorial.

Palavras-chave: Escola, cotidiano, território.

A percepção de que o cotidiano escolar compreende um *espaçotempo* de reprodução da ordem social dominante, com suas mais diversas formas de exclusão e de desigualdade, tem se fortalecido cada vez mais, principalmente com a visibilização (necessária, por sinal) de seus mais diversos casos de violência, preconceito e discriminação. Esta percepção tende a criar, contudo, não apenas um sentimento de pessimismo nos mais diferentes sujeitos que direta ou indiretamente dele participa, mas também um forte impulso em buscar exclusivamente para fora de seus limites qualquer possibilidade concreta de transformá-lo, tornando as suas mais diversas questões casos de especialistas ou, em muitos momentos, até mesmo de polícia.

Em uma direção divergente, que procura escapar da opacidade de uma visão “panóptica” (CERTEAU, 1994) ou “abissal” (SANTOS, 2008)¹, a qual promove o que Boaventura chama de um desperdício da riqueza das experiências do mundo (SANTOS, 2000), os chamados estudos nos/dos/com os cotidianos escolares procuram evidenciar justamente que o *espaçotempo* escolar não compreende apenas um campo marcado pela estrutura histórico-social dominante, que simplesmente o padroniza e o iguala a tantos outros, mas também que está permeado, segundo as palavras de Inês B. de Oliveira, por “traços de uma lógica de produção de ações de sujeitos reais, atores e autores de suas vidas, irredutível à lógica estrutural, porque plural e diferenciada” (OLIVEIRA, 2008, p. 53). É justamente nesta perspectiva, visibilizando a produção dessas “ações

^(*)Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação PROPED/UERJ e professor de música da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

¹ Apesar das particularidades dos pensamentos de Michel de Certeau (1994) e de Boaventura de Sousa Santos (2008), acredito ser possível afirmar que as categorias “panóptica” e “abissal” presente nas obras dos respectivos autores referem-se a uma questão em comum, qual seja: a opacidade de práticas/táticas cotidianas ou o desperdício/silenciamento da riqueza de experiências sociais por parte do poder/estratégia ou da razão indolente/ciência moderna.

de sujeitos reais” na problematização de suas questões e, assim, na busca de intervenções mais emancipatórias que o presente trabalho busca trazer sua breve contribuição.

NARRANDO UM DENTRE TANTOS CONFLITOS NO COTIDIANO ESCOLAR...²



Escola Municipal Compositor Luiz Gonzaga.

Certa vez, na Escola Municipal Compositor Luiz Gonzaga³, onde trabalho como professor de educação musical, desde julho de 2008, tomei a iniciativa de convidar alguns estudantes a darem depoimentos sobre nossa sala de leitura. A ideia, sugerida por um dos professores de geografia da referida escola, consistia em realizar um breve documentário em parceria com eles sobre sua sala, a qual estava retomando suas atividades após cerca de dois anos parada. Como não tínhamos a intenção de restringir a realização desse trabalho a turmas específicas, resolvi fazer tais convites no pátio interno da escola, mais especificamente durante o recreio, onde seria, supostamente, mais fácil de interagir com uma maior diversidade de estudantes. E assim o fiz. No decorrer dessa empreitada, nada habitual, inclusive, e, justamente por isso, sob o olhar de estranhamento deles, eu recebi, em determinado momento, um tapa na parte de trás do meu pescoço, mais comumente conhecido como

² A seguinte narrativa foi construída mais ou menos em abril/maio de 2010 (quando eu ainda não tinha ingressado no doutorado, inclusive), logo após o conflito ocorrido, como forma de registrar um fato (dentre tantos outros) que poderia ser interessantes a possíveis debates e, quem sabe, possíveis intervenções, mais emancipatórias, no cotidiano da própria escola. Minha tese de doutorado consiste, justamente, na tentativa de concretizar essas possibilidades. Gostaria de registrar, desde já, meu agradecimento ao professor de geografia (citado nesta narrativa) pelos férteis e bem-humorados diálogos durante os muitos e difíceis momentos de trabalho.

³ A Escola Municipal Compositor Luiz Gonzaga foi criada e assim nomeada pelo Decreto 9.994, de 19 fev. 1991, tendo iniciado suas atividades escolares, contudo, em março de 1990. Ela localiza-se na rua Escritor Ubaldo Soares Filho, 128 – Freguesia, Jacarepaguá, RJ, região pertencente à sétima Coordenadoria Regional de Educação (CRE) da Secretaria Municipal de Educação (SME) da cidade do Rio de Janeiro, possui aproximadamente 1.100 alunos matriculados, quarenta professores, os quais contemplam os dois segmentos do ensino fundamental, e atende, principalmente, alunos que residem nos bairros Gardênia Azul e Cidade de Deus.

“pescotapa” ou “pedala Robinho”. Olhei imediatamente para trás e só consegui visualizar aquele aglomerado caótico de jovens lanchando, conversando, ouvindo música, dançando, rindo, gritando, empurrando uns aos outros e olhando de forma discreta (ou desconfiada?) para mim. Continuei minha empreitada e, em um momento seguinte, jogaram um balão de encher cheio de água que, ao cair próximo a mim, estourou e molhou minhas pernas. Mais uma vez me virei e só vi aquela mesma massa anônima de estudantes. Apressei minha empreitada e, finalmente, retornei à sala dos professores, local em que comumente ficamos reunidos quando não estamos em sala de aula. Ao entrar e encontrar meus colegas conversando, lanchando e aguardando, sem nenhuma pressa, o sinal de término do recreio bater, narrei o ocorrido aos mais próximos, dentre os quais o respectivo professor de geografia. E, em meio à indignação de alguns professores e à gozação de tantos outros, levantamos a possibilidade de pensar o espaço de nossa unidade de ensino não como um espaço homogêneo e estático, mas sim permeado por diferentes territórios em constante construção.



Pátio interno da E. M. Compositor Luiz Gonzaga durante o recreio.

PRÁTICAS COTIDIANAS QUE DES-RE-TERRITORIALIZAM O ESPAÇOTEMPO ESCOLAR – SOBRE OUTROS TEMPOSEPAÇOS DA ESCOLA

A experiência ocorrida só tornou-se uma narrativa por conta de um fato contingente. Ou, mais especificamente, por uma desagradável contingência. Coisas do cotidiano! O pescotapa e o banho em questão nos alertaram (eu e o professor de geografia; porém, muito mais a mim do que a ele, certamente) que eu estava no lugar errado, na hora errada. Perguntávamos-nos, assim, que lugar e hora eram essas? Que território era aquele? Existiriam outros? Onde e quando? A construção da narrativa surgiu, inclusive, como forma de não apenas registrarmos o ocorrido para não nos esquecermos, mas também de levarmos adiante estas problematizações e, quem sabe, possíveis intervenções mais emancipatórias. Enquanto isso, outros questionamentos também surgiam. Como

uma escola pode ser o lugar e a hora errada para seu próprio professor? Essa era a indignação de alguns dos professores: afinal de contas, um professor é uma autoridade em sua escola e assim deve ser reconhecido, em qualquer hora e lugar, nessa mesma escola. Mas, também, o que um professor foi fazer no meio do pátio interno de sua escola durante o tempo do recreio? Essa era a gozação de outros tantos professores: afinal de contas, um professor que se propõe a fazer isso, espera o quê? Boa coisa não poderia ser!

Hoje, passado mais de um ano desse ocorrido e mergulhando cada vez mais nos chamados estudos nos/dos/com os cotidianos, percebo que o conflito narrado acima enuncia⁴ de uma forma bastante significativa duas questões. Em primeiro lugar, o *espaçotempo* escolar, enquanto uma rede de caráter instrumental, funcionalista, construído e regulado por uma ordem político-econômica hegemônica, e criada a partir de operações que, segundo Certeau, privilegiam as relações espaciais (CERTEAU, 1994, p. 102), está permeado por uma diversidade de práticas cotidianas, por “procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo” (p. 102), capazes de tecer, destecer e retecer, em sua própria estrutura e permanência, diferentes *saberesfazeres* e, conseqüentemente, outras formas de pertencimento e de autoridade. Neste sentido, pretendemos afirmar que coexiste nos interstícios do que Oliveira (2008)⁵ chama de “escola-conceito”, uma diversidade de *tempoespaços*, cuja tessitura nos remete (agora me apropriando das palavras de Haesbaert (2007) e já nos remetendo à segunda questão), ao que podemos chamar de uma “multiterritorialidade” escolar.

⁴ Ao discutir sobre a capacidade dos enunciados deslocarem a centralidade do discurso, Foucault escreve que “por mais banal que seja, por menos importante que o imaginemos em suas conseqüências, por mais facilmente esquecido que possa ser após sua aparição, por menos entendido ou mal decifrado que o suponhamos, um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a conseqüências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem”. (FOUCAULT, 2002, p. 32).

⁵ Ao abordar as práticas pedagógicas cotidianas e seus múltiplos sentidos, Inês B. Oliveira se apropria do termo “cidade-conceito” de Certeau (1994) para referir-se ao *espaçotempo* escolar dominado pelo que o autor chama de visão panóptica. Segundo Oliveira, “característica da produção de uma ciência do geral que ignora os particularismos da realidade, as operações que criam a escola-conceito permitem uma operação racional que exige ignorar as poluições físicas, mentais ou políticas que a comprometeriam introduzindo, pelo não-tempo, estratégias científicas que reduzem, nivelando-os, todos os dados” (OLIVEIRA, 2008, p. 60-61). Conforme procuramos mostrar aqui, a escola-conceito não se furta ao tempo, como sugere a autora ao referir-se ao “não-tempo”, mas sim prioriza a dimensão espacial na relação, não dicotomizada, *espaçotempo* do cotidiano. Da mesma forma, inclusive, as práticas cotidianas não se furtam ao espaço, mas sim priorizam o tempo nesta mesma relação.

No livro *O mito da desterritorialização – do fim dos territórios à multiterritorialidade*, o geógrafo Rogério Haesbaert (2007) faz um exaustivo questionamento sobre a hegemonia do discurso que anuncia o “fim dos territórios” a partir do contemporâneo e intenso processo de globalização. Para o autor, esse discurso pressupõe uma concepção moderna de território, a qual está centrada no domínio material, político e econômico do espaço social, e que vê cada vez mais diluído seus limites quando da intensificação do desenvolvimento tecnológico, principalmente dos meios de transporte e de comunicação. Contudo, ao deslocar esse discurso e trazer à tona outros determinantes do espaço social, como as apropriações temporais, simbólicas e culturais realizadas pelos seus mais diferentes sujeitos individuais e, sobretudo, coletivos, Haesbaert tece uma noção de território muito menos dicotomizada e mais integradora, fluida, de forma que possibilita a visibilização de não apenas essas progressivas desterritorializações da sociedade contemporânea, predominantemente apontadas, mas também (e tão importante quanto isso) movimentos de construção de outros limites territoriais, ou seja, movimentos de reterritorialização. É nesse sentido, portanto, que o autor afirma que “o grande dilema deste início de milênio não é o fenômeno da desterritorialização”, mas sim “o da multiterritorialidade, a exarcebação da possibilidade, que sempre existiu, mas nunca nos níveis contemporâneos, de *experimentar diferentes territórios ao mesmo tempo*, reconstruindo constantemente o nosso”. (HAESBAERT, 2007 – grifo nosso).

Sob esta perspectiva e diante do exposto acima, pretendemos afirmar que as mais diversas práticas cotidianas, a partir dos usos e apropriações por seus mais diversos praticantes realizados sobre uma estrutura histórico-social que se apresenta hegemonicamente determinada, realizam movimentos *tempoespaciais* capazes de des-re-territorializar o *espaçotempo* escolar e, assim, tecer, destecer e retecer diferentes territórios no âmbito da chamada escola-conceito. O pátio interno na hora do recreio, “com um aglomerado de estudantes lanchando, conversando, ouvindo música, dançando, rindo, gritando e empurrando uns aos outros”, produziu um movimento sobre um professor que, ao invés de ficar na sala dos professores como todos os outros (incluindo ele mesmo) fazem, rotineiramente, todos os dias, foi circular, por conta de uma sugestão pedagógica de outro professor, por outros cantos da escola. Movimento esse, inclusive, que, sendo ou não apoiado/incentivado pelos demais estudantes presentes naquele mesmo pátio e recreio, gerou também opiniões divergentes entre os professores presentes naquela sala dos professores durante aquele mesmo recreio. E isso sem falar na própria sala de leitura (e em seus dois anos de desativação, bem como na referida reinauguração) que de impulsionadora dessa experiência (afinal de contas, essa sala estava na intenção inicial de todo o movimento que desencadeou esse trabalho), tornou-se

apenas mais um detalhe, passageiro e deslocado, no decorrer da narrativa. E o documentário, por fim, não aconteceu.

Podemos dizer, portanto, que o conflito em questão enuncia a existência de diferentes movimentos de des-re-territorialização no *espaçotempo* escolar a partir dos mais diversos *temposespaços* que lhe habitam: a produção desta própria narrativa frente à desagradável experiência no pátio interno da escola durante aquele recreio (afinal de contas, aquela experiência não poderia passar em vão!); as práticas cotidianas no pátio interno da escola durante o recreio, ou na sala dos professores, ou em tantos outros cantos e momentos da escola, como diferentes territorialidades opacas frente à visão panóptica ou abissal do poder escolar. Trata-se, enfim, de práticas cotidianas ou artes de fazer que, me apropriando das palavras de Certeau, “produzem, portanto, no espaço estruturado [da escola], [antiescolas], efeitos de dissimulação e de fuga, possibilidades de passagem a outras passagens, como subterrâneos e arbustos”. (CERTEAU, 1994, p. 188)⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de multiterritorialidade (HAESBAERT, 2007) destacada aqui nos possibilita abordar as práticas cotidianas ou as artes de fazer propostas por Certeau (1994) como ações não apenas realizadas por sujeitos individuais, como tende o autor de *A invenção do cotidiano*, mas, também, por sujeitos coletivos. Coletividades estas, contudo, que escapam de uma visão totalitária e dicotomizada, como professor *versus* alunos, aula *versus* recreio, educação formal *versus* educação informal, escola *versus* sociedade, por exemplo, a partir de um olhar mais integrador. Nesse sentido, vale ressaltar que apesar de não ter apresentado maiores detalhes no decorrer da narrativa anteriormente citada, posso afirmar com bastante certeza (afinal, lembro-me como se fosse hoje!) que o referido conflito ocorreu ao som de um funk. Ou, mais especificamente, ao som de um poderoso aquecimento⁷ tocado em um celular. Esse detalhe (mais um, dentre tantos outros, existentes no cotidiano escolar) me interessou bastante enquanto professor de música daquela instituição e me leva a questionar (não neste momento, mas em um trabalho próximo) sobre a singularidade do território da diáspora negra.

Sob esta perspectiva, e na esteira do que Boaventura de Sousa Santos (2008), propõe como uma “sociologia das ausências e das emergências” a emersão de práticas educacionais mais emancipatórias deve tomar como ponto de partida, justamente, a visibilização e a tradução desses

⁶ Onde está escrito “escola”, no texto original de Certeau encontra-se a palavra “texto”.

⁷ Funk instrumental muito utilizado no começo dos bailes para “aquecer” seus frequentadores.

tempoespaços escolares, e, conseqüentemente, de suas mais diversas redes de subjetividades, rumo ao que esse autor chama de “ecologia dos saberes” (SANTOS, 2008). Trata-se, assim, de tomar como pertinente a dimensão temporal do cotidiano escolar: expandir o presente e compactar o futuro (SANTOS, 2008). Visibilizar o que cada uma dessas partes possui fora de suas relações dicotômicas; relações estas, inclusive, que fazem de uma das partes dicotomizadas referência para as demais e terminam por transformar, conseqüentemente, a contemporaneidade em um segmento bastante reduzido de sua simultaneidade. Em outras palavras, enfim, trata-se de fazer emergir movimentos *tempoespaciais* e tecer um deslocamento em sentido diferente ao que o próprio Boaventura denuncia como desperdício da riqueza de experiências sociais do mundo (SANTOS, 2000, 2008).

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização*: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. (Orgs.). *Estudos nos/dos/com os cotidianos: sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et Alii, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente*: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *Gramática do tempo* – para uma nova cultura política. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Col. Para um novo senso comum, v. 4).

ABSTRACT

This paper aims to discuss, from a conflict that occurred in the daily life of a municipal school in the city of Rio de Janeiro, the issue that cohabit school-concept called the daily practices that weave in *timespace* movements, other *knowledgedoings* and, consequently, other forms of possession and authority. In other words, the objective is to encourage the possibility of dialogue with certain everyday practices that, although invisible to the eye of the panopticon, or abysmal educational power, re-des-territorialize school *spacetime* and will configure a multi-territorial.

Key words: School, daily, territory.

*Recebido em agosto de 2011
Aprovado em outubro de 2011*